

XXII ENACED – II SIEPEC

Eixo Temático: Educação e Formação de Professores

DA TEORIA PARA A PRÁTICA: A REALIDADE DA SALA DE AULA

Raquel Martins da Rosa¹
Maria Regina Palha²

RESUMO

Este artigo propõe uma análise referente à prática de ensino com os conceitos aprendidos durante o Curso Normal. O texto aborda os principais tópicos que se considera relevantes na formação de um educador, correspondendo ao eixo temático 6: Educação e Formação de Professores, com base nos pensamentos de alguns filósofos e sociólogos, como Kant e Durkheim, professores como Paulo Freire e Jussara Hoffmann, além de outros artigos e pesquisas. Como também, o documento que rege a educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chaves: Ambiente escolar 1. Formação do educador 2. Prática de ensino 3.

INTRODUÇÃO

A prática é a realização de uma teoria concreta, ou seja, sem a teoria não há aplicação, mas sem a execução a teoria não passa de um conhecimento especulativo. Neste texto procuramos estabelecer e esclarecer a relação entre a realidade da vivência em sala de aula e os conhecimentos sistemáticos sobre educação.

Através do estágio de 400h que compõe o currículo do Curso Normal, foi possível realizar algumas reflexões sobre como aplicar o que é aprendido no curso com a experiência de assumir o papel docente. Considerando que a prática do professor é o ato de dar vida às teses e conhecimentos adquiridos durante a sua formação, se não houver o planejamento adequado, esse processo não será efetivo e se tornará insignificante, tanto para o discente quanto para o educador em formação.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

¹ Raquel Martins da Rosa; martinsraquel615@gmail.com

² Maria Regina Palha; reginajui@gmail.com

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

Reflexão sobre a experiência de estágio supervisionado realizado na E.M.E.F Dona Leopoldina, localizada no município de Panambi/RS. Experiência vivida com uma turma de 4º ano, composta de 19 alunos entre as idades de 9 e 10 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Os professores devem saber de tudo” (Arthur, 9 anos). Os alunos esperam que saibamos de tudo, mas será que isso é possível?

A famosa frase atribuída a Sócrates “Só sei que nada sei, e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa” (470- 399 a.C), mostra que precisa-se compreender a própria ignorância. Não saber de tudo não é um defeito e, sim, algo humano, afinal é impossível saber tudo. Quanto mais conhecimento adquirimos, mais percebemos que não há certezas absolutas e verdades estáticas. Era exatamente sobre isso que o filósofo Sócrates falava e acreditava. Para que se possa buscar o conhecimento verdadeiro, segundo ele, é necessário esse processo de abandono do senso comum.

Na educação, assim como na filosofia, e através dela, procuramos o conhecimento e a arte de transmiti-lo. Reconhecemo-nos como seres humanos, sujeitos a erros, e esse é o primeiro passo para se entender educador. Aceitar nossas dificuldades é uma autoanálise poderosa, pois a educação necessita ser mais humanizada, e que através dela todos os envolvidos sejam compreendidos dentro de suas limitações e contribuições.

Além de reconhecer suas qualidades e pontos a serem melhorados para o professor é indispensável a constante autocrítica, questionar os seus objetivos pessoais e profissionais e sua metodologia, sempre desenvolvendo seu senso crítico. Paulo Freire afirma em seu livro “Pedagogia da Autonomia” que o docente precisa instigar seus alunos a serem críticos, pois esse é o caminho para a descoberta de coisas novas, mas não há como estimular algo na turma se não é desenvolvido primeiro em si próprio.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis (FREIRE, 1996).

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

Ser professor não é saber de tudo, mas sim estar disposto a aprender todos os dias um pouco mais, todos os anos recebe-se novos alunos muito distintos. Assim, a docência é composta por pequenos aprendizados diários, assim como ensinamos ao discente. Ou seja, também aprendemos com eles. Entender que o ato de educar é uma construção interminável é fundamental, em um processo de desconstruir pré-conceitos e reconstruir ideias novas.

A prática mostra que é preciso ser muito resiliente, paciente e adaptável. Ser educador é um desafio constante, é um verdadeiro convite à inquietação. Aquele que não está disposto a assumir a responsabilidade de ser professor não deve executar tal tarefa, pois o docente influencia na vida dos alunos em todos aspectos.

De acordo com o Jornal Correio Braziliense, um estudo realizado pela Escola Nacional de Administração Pública (Enap) e pelo Instituto Millenium revela que a qualidade dos professores pode afetar a vida profissional dos estudantes. A estimativa é de que se um aluno que tem aula com os 10% dos piores docentes passasse aprender com os de desempenho médio, a sua renda seria 8% maior (R\$ 34,4 mil) ao longo de seu período trabalhando, ou seja, um educador pode modificar todo o percurso da vida de um aluno, afinal a educação é arma mais poderosa que existe quando se trata de ascensão social e liberdade de pensamento. O verdadeiro professor nunca estará totalmente pronto, pois a educação não é uma ciência inerte, mas está em constante renovação.

O educador também necessita estudar

Paulo Freire, famoso pedagogo brasileiro, alertava em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém” (FREIRE, 1996). É preciso aprender para ensinar, quando se fala em planejamento do professor é porque esse preparo antecipado gera a segurança e o domínio necessário para apresentar e transmitir o conteúdo para os alunos.

Muito além de estudar as matérias trabalhadas em aula, é preciso aprender sobre a turma, a faixa etária dos educandos, seus interesses, dificuldades nos componentes curriculares, suas formas de se relacionarem. Entender as condições socioeconômicas do local onde reside, a escola e a sua formação, afinal fatores internos e particulares dos aprendizes como seus relacionamentos e sentimentos influenciam na sua aprendizagem, assim como fatores externos como o núcleo social em que está inserido.

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

Questões como a desigualdade social, econômica, racial e de gênero podem, sim, prejudicar ou favorecer um indivíduo no seu processo de aquisição e aprimoramento de conhecimentos. É preciso conhecer as condições em que os estudantes se encontram para realizar o estudo de caso e encontrar a melhor maneira de ensiná-los, não apenas teorias e conteúdos curriculares, mas sim a pensar e viver.

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo (FREIRE, 1996, p.152).

A desigualdade escolar, principalmente nos âmbitos econômicos e sociais são uma das causas da evasão e abandono escolar, além de ser uma situação muito preocupante. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Brasil é um dos 10 países mais desiguais do mundo, está explícito que quanto mais desigual um país é, mais desigualdade escolar terá.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2019, em relação à evasão escolar 11,8% dos jovens entre 15 e 17 anos mais pobres, teriam deixado a escola sem concluir o ensino médio em 2018, enquanto o percentual para os jovens mais ricos seria de apenas 1,4%. Isso evidencia que a desigualdade socioeconômica influencia muito na educação brasileira, pois muitas vezes já com um rendimento escolar considerado baixo ou idade-série não correspondente, a educação deixa de ser prioridade na vida de muitos jovens, colocando-os em uma vulnerabilidade ainda maior e a mercê dos trabalhos informais, assim se perpetuando a elitização da educação.

Pretendo alertar que o sistema de avaliação classificatória, adotado por grande número de escolas brasileiras, resulta em uma política de elitização do ensino público, contrária à intenção de promover uma escola para todos, sem retenções e/ou evasões. Para isso, como bem propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) para que se alcance a igualdade educacional, as diferenças e singularidades dos alunos devem ser consideradas e atendidas (HOFFMANN, 2019, p.19).

XXII ENACED – II SIEPEC

Além das diferenças socioeconômicas, deve-se levar em consideração questões de gênero e raça, pois, segundo a Síntese de Indicadores Sociais de 2019, em jovens entre 15 e 17 anos, tem-se as maiores taxas de frequência ou conclusão do ensino médio. É entre as mulheres brancas, seguido pelos homens brancos, depois as mulheres pretas e/ou pardas, em último os homens pretos e/ou pardos. Sabendo que a população preta e parda no Brasil sofre pela desigualdade racial em diversos ramos da sociedade, é inevitável que as escolas brasileiras não reflitam sobre isso.

Em virtude dessa desigualdade social, econômica, racial e de gênero, se faz necessária uma reflexão meticulosa sobre o ensino brasileiro, pois sabe-se que a educação é a melhor e mais eficaz forma de ascensão social. Se investida corretamente poderá ter impactos positivos na sociedade como um todo. Porém, se o professor não souber da poderosa ferramenta que tem nas mãos e os aspectos que deve levar em consideração na hora de planejar a sua prática, ele não conseguirá realizar um bom trabalho, pois é aprendendo que descobrimos que podemos ensinar. Por essa razão, o educador deve manter-se em constante construção, sempre há algo para aprender ainda mais quando se trata de uma profissão que lida com a formação de outros indivíduos.

Nem tudo sai como planejado: flexibilidade no plano de aula

O planejamento é um serviço de preparação de um trabalho ou tarefa, com o estabelecimento de métodos convenientes. Em todos os passos da vida de um ser humano ele necessita de um planejamento. No campo da educação não seria diferente. Durante as aulas do Curso Normal aprende-se sobre a importância do plano de aula e dos projetos pedagógicos, mas são escassas as vezes que se fala que mesmo uma proposta de aula excelente, pode não dar certo.

A verdade é que não basta uma excelente teoria, se não for considerada a possibilidade de haver eventualidades. Frequentemente, esquecemos que na educação não lidamos com máquinas, mas, sim com seres humanos. Tudo que está ligado às relações humanas envolve imprevistos, sejam de origem individual, coletiva, externa ou interna do ambiente escolar.

É primordial assimilar que há muitos agentes que alteram o desenvolvimento de uma aula, por exemplo, uma atividade que se deseja ser realizada em um espaço ao ar livre,

XXII ENACED – II SIEPEC

torna-se indispensável levar em consideração as mudanças climáticas. Da mesma forma quando se pretende trabalhar com alguma atividade fora da rotina, caso a turma esteja muito agitada ou com um número muito reduzido é mais viável ser flexível e mudar os planos do que insistir em algo que tem grandes chances de dar errado.

Ter um olhar atento e ouvir os alunos é fundamental para saber entendê-los e tornar esses momentos significativos, não apenas uma prática vazia. No processo de aproximação e adaptação com a turma é normal muitos planejamentos bons não alcançarem as expectativas quando aplicados, a educação é um constante trabalho de tentativas e erros. E é através desse processo que se pode construir metodologias melhores e personalizadas para cada turma.

Relação professor-aluno: a afetividade é o caminho

No livro infanto-juvenil “O pequeno príncipe” de Antonie de Saint-Exupéry, aborda diversas questões sobre sentimentos e relações de afeição. No capítulo 21, o autor fala da relação entre o protagonista, o pequeno príncipe, com uma raposa que lhe ensina sobre a importância de cativar. Segundo a história, não é possível estabelecer um vínculo de amizade sem que se cativa a outra pessoa. Na educação é da mesma forma. O aluno desenvolve-se de maneira mais efetiva após ser cativado pelo educador.

O estudo de caso dos alunos é muito importante para o estabelecimento da relação professor-aluno. Frequentemente é possível observar em sala de aula dificuldades de aprendizagem que são pertinentes à falta de ligação emocional com o educador, e não apenas com a metodologia escolhida pelo mesmo ou um distúrbio de aprendizagem. Esses casos acabam ficando explícitos no cotidiano, pois o estudante acaba não recebendo bem as propostas de atividades, se nega a colaborar com o andamento da aula e não demonstra respeito para com o docente.

Educar com afetividade não se limita a essa relação de afeição entre o aluno e o professor, vai além. É preciso mudar as concepções ultrapassadas do corpo discente como um objeto receptor e compreendê-lo como indivíduo único e com modo de agir e pensar muito singular. Quando se enxerga o educando como um sujeito digno de respeito, percebemos a importância de valorizar e ouvir seus saberes pré-existentes advindos de suas vivências, assim como respeitar seus sentimentos e falas. Essa validação faz com que o discente se sinta acolhido e crie vínculos com o docente, assim estabelecendo esta relação tão importante.

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

Na educação é preciso ser humanitário, ter responsabilidade afetiva no processo de criação de vínculos, cuidando-os com muita transparência, clareza, consciência e empatia. Só assim deixaremos marcas positivas nos aprendizes que lembrarão do tempo do educandário com apreço, como na lição que a raposa do livro: “O pequeno Príncipe”, nos deixou: “Os humanos esqueceram essa verdade - disse a raposa. - Mas você não deve esquecê-la. Você se torna responsável para sempre por aquilo que cativou. ” (SAINT-EXUPÉRY, Antonie de, 1900-1944, p.72).

Relação família e escola

Para a sociologia, a família caracteriza-se como a primeira instituição social que promove o desenvolvimento individual das pessoas, é extremamente necessária para a evolução do ser humano. É nesse meio que a criança terá seus primeiros contatos com os sujeitos que contribuirão para sua formação pessoal. Já a escola é vista como a segunda instituição social. Essa promove uma amostra da sociedade, possibilitando ações que contribuem para a formação do futuro cidadão, assim instigando a sua criatividade e seu senso crítico. Ou seja, tanto a família quanto a escola têm um papel fundamental e insubstituível na formação dos indivíduos. Por essa razão devem andar em harmonia de ideias e pensamentos, visando o bem-estar do discente.

Conforme já abordado nos itens anteriores, o estudante precisa ser visto como um todo. Aquela antiga ideia de que ao entrar na escola todos deveriam deixar seus problemas pessoais para o lado de fora deve ser totalmente descartada, visto que isto é impossível, apenas máquinas conseguiriam separar sua vida pessoal da profissional por completo. Sendo assim, as adversidades podem intervir no processo de aprendizagem do aluno.

A proposta de parceria na relação escola-família vem justamente por essa razão, para que o aprendiz consiga desenvolver-se bem na instituição de ensino. É preciso apoio e incentivo familiar, e a escola precisa ser este ambiente acolhedor e seguro, para que apesar dos seus problemas, o educando consiga expandir seu potencial. É visível que aqueles alunos em que seus pais são mais presentes no processo de aprendizagem e que os mesmos se envolvem na escola, acabam por contribuir para que a criança evolua mais rapidamente do que aquelas que não têm esse suporte familiar.

É de extrema importância que se comece a dar mais atenção a esta parceria entre a escola e a família, por é a partir dela que estão uns alicerces seguros para que os

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

educandos e conseqüentemente alunos consigam desempenhar o seu papel de uma forma mais segura e motivada, tendo em vista o seu bom percurso e progresso na vida escolar e familiar (PICANÇO, 2012, p.14).

No contexto atual pode-se observar que não há uma coparticipação entre a família e a escola, pois muitas vezes a instituição familiar não tem cumprido seu papel, principalmente para com a formação moral, a educação ética e social, transferindo esta responsabilidade para o educandário. Assim a escola acaba por se sobrecarregar de funções e papéis formativos que não são de sua responsabilidade. O tempo em que poderia ser destinado para instruir os educandos em relação aos conteúdos propostos, acaba-se por ser atribuído apenas a formação social, ética e moral.

Neste caso, a família esquece-se da sua incumbência para com a educação de seu filho, afinal como Reis (2007, p. 6) deixou claro em seu texto “a escola nunca educará sozinha, modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”.

A necessidade de construir relações entre a escola e a família deve ser planejada, estabelecendo vínculos e pequenos acordos para que a criança tenha uma educação de qualidade tanto em casa quanto na escola. O objetivo principal desta relação deve ser o bem-estar do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Immanuel Kant (1999, p. 15) dizia que o ser humano é aquilo que a educação faz dele. Entende-se que a educação não se faz sozinha como abordado em diversos tópicos acima. E é crucial a relação indivíduo-sociedade-educação, para que o ensino possa gerar oportunidades de mudança de vida do cidadão, possibilitando-o ser independente, autoconfiante, responsável, criativo e resiliente, de modo que estes formem uma sociedade melhor e mais justa. Por esta razão investir no aperfeiçoamento e formação de professores é indispensável na garantia de uma educação de qualidade, para que todos tenham consciência do seu papel dentro desse significativo processo.

Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

XXII ENACED – II SIEPEC

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade/Jussara Hoffmann. 35. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

KANT, Immanuel, (1724-1804). **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock FONTANELLA. 2.ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

REIS, Risolene Pereira. In. Mundo Jovem, nº. 373. fev. 2007, p.6. Sanders, M. G., & Epstein, J. L. (1998). **Perspectivas internacionais sobre escola, família e comunidade**. Parternships.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução Ivone C. Benedetti. - Porto Alegre: L&PM, 2019. Acesso em: 05/07/2022 Acesso em: 06/07/2022.

Para eventuais dúvidas contate a comissão organizadora pelo e-mail: enacedsiepec@unijui.edu.br